

Quinta do Outeiro

COMO é apropriado o nome da Quinta de Nossa Senhora dos Prazeres para este oásis no dito lugar do Outeiro!

Escondida no meio de loteamentos, tem sobrevivido à urbanização galopante dos arredores de Lisboa, graças à tenacidade dos seus proprietários.

Quase não existem documentos sobre esta propriedade, exceptuando o estudo do padre Proença «Benfica através dos tempos», que menciona uma Quinta do Outeiro, chamada em 1703 Quinta do Marquês ou do Coculim. Se efectivamente se tratar desta propriedade, esta devia pertencer aos marqueses da Fronteira, que entre os seus numerosos títulos possuíam o de condes de Coculim (1).

A casa parece ter sido alvo de várias campanhas de

construção, em que o núcleo primitivo seria uma parte do rés-do-chão, assim como a capela datada de 1720, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres. No conjunto, os lambris de azulejos azuis e brancos datam dessa época, ou serão talvez um pouco mais tardios, como os «classicísimos» motivos de «cestos floridos» que se encontram nos painéis do santuário.

Esta habitação é inteiramente remodelada alguns anos mais tarde, provavelmente em 1751, como prova a inscrição no portal da entrada: «Q.D.N.S. DOS PRAZERES 1751». Hipótese simultaneamente plausível, uma vez que o terramoto não parece ter-lhe causado qualquer dano, mas igualmente discutível, tendo em conta a data mais tardia da sua decoração interior. Como prova a observação das diferentes paredes, a parte mais antiga foi alargada no rés-do-chão mediante um pórtico incorporado no edifício e uma galeria que o prolonga. Esta é simultaneamente sobrelevada por um andar ao qual se pode aceder através de uma escada surpreendentemente rústica para uma casa deste tipo. O pórtico, incorporado, permite integrar habilmente na mesma fachada a capela e parte da habitação. Esta aliança, simbolizando a harmonia que reinava entre a vida quotidiana e a religião, resultou neste tipo de fachada bem português, que se encontra ao longo do século XVIII, tanto no Sul como no Norte do país.

Conforme os casos, a capela encontra-se mais ou menos posta em evidência. Colocada aqui na extremidade da fachada, ela é sublinhada por duas pilastras realçadas a ocre e por uma cornija recortada, ornada com as iniciais da Virgem. A janela alta que ilumina a tribuna alia-se perfeitamente às doze outras janelas da parte residencial, iguais no andar nobre e no rés-do-chão. Este facto pouco habitual explica-se pela presença do andar térreo, tratado como uma peça de aparato.

O interior desta casa é também muito típico, com os seus volumes de uma extrema simplicidade, valorizados pela soberba decoração de azulejos datados dos anos 1760-1770. No primeiro andar, os ladrilhos pombalinos enlaçam-se numa espécie de «trompe-l'oeil», espaço arquitectónico e espaço pictórico. As redes de florões, dispo-

(1) O famoso palácio dos marqueses da Fronteira situa-se não longe daqui, em Benfica.



Muito bem integradas uma na outra, capela e parte da habitação ilustram a harmonia que reinava entre a vida quotidiana e a vida religiosa.



A mesma figura pintada com cores diferentes permite conciliar variedade e economia.

tas num ritmo dinâmico de diagonais, são flanqueadas por pilastras estilizadas de consolas quase barrocas e enquadradas por frisos e plintos. Estas, tal como os estuques daquela época, inspiram-se no repertório ornamental neoclássico e imitam, com volúpia, toda a espécie de mármore.

Aparecem igualmente várias composições historiadas que nunca deixaram de estar em voga durante todo o século XVIII. Às cenas campestres azuis e brancas, rodeadas de «rocailles» policromas do salão nobre no primeiro

andar (2), junta-se, na grande galeria do rés-do-chão, todo um tipo de decoração de iconografia mais rebuscada, reservada às melhores casas. Azuis e brancas, e muito dignas, as sumptuosas alegorias das Quatro Estações e dos Cinco Sentidos são acompanhadas de uma forma muito

(2) O salão é igualmente ornado por uma série de telas do século XVIII, representando cenas galantes.



A fresca galeria do rés-do-chão onde não é impossível que os temas tenham sido escolhidos em função da configuração dos painéis: as Quatro Estações sobre as paredes e os Cinco Sentidos entre as seis janelas.

plástica por um maravilhoso conjunto de «rocailles» e de mármore em «trompe-l'oeil» em que os pintores menos submetidos às regras académicas parecem ter-se divertido a tomar de assalto, com grande liberdade, frisos, plintos, rodapés, entre-janelas e bancos. Ao lado da galeria, o pórtico da capela já nada tem de profano, com os seus azulejos assaz edificantes, representando cenas da vida de santos, como Santo António pregando aos peixes ou São Francisco recebendo os estigmas.

Em 1764, segundo as informações do padre Proença,

a propriedade, ainda a cargo dos caseiros, é designada pelo nome de Quinta do Capitão do Outeiro. Relata-nos ele que:

«Neste ano vive ali também o padre Manuel de Carvalho, capelão da ermida de Nossa Senhora dos Prazeres da mesma quinta. Um caseiro, um carreiro, um escravo, um mulato e uma quantidade de criados completam o pessoal da casa que inclui um mestre de meninos, José Caetano da Silva e sua esposa D. Maior Mendes.

No ano seguinte, o capelão da ermida passa a ser o padre Manuel Fernandes Trigo que também faz as vezes

Quinta Grande

de administrador da casa e olheiro de criados. Por alturas de 1769 aparece na quinta um caseiro italiano, Hierónimo André.»

Os proprietários apenas viriam passar o Verão na sua quinta, sendo a personagem principal da casa o capelão, cuja função, segundo a tradição, se teria mantido até meados do século passado.

Isto explicaria a razão pela qual, na altura em que foram feitas as obras de aumento da casa, tenha sido instalada no primeiro andar uma cómoda passagem para a nova tribuna da capela, situada acima do pórtico da entrada. Nesta mesma altura, esta ermida é totalmente redecorada ao gosto da época no espírito de transição entre o barroco e o novo estilo neoclássico. Sobre o altar em talha dourada, finamente trabalhado, vêem-se anjos quase rococó ao lado de colunas caneladas à antiga, enquanto no tecto em estuque, a Virgem em Triunfo — muito restaurada — já não tem aquele impulso da capela da Quinta da Fonte do Anjo nos Olivais (3).

Até ao princípio do século XX, a «Nossa Senhora dos Prazeres era festejada todas as segundas-feiras de Páscoa, por uma romaria com sermão e missa cantada». Alguns ex-votos testemunham ainda o reconhecimento dos fiéis igualmente atraídos pelas virtudes curativas de uma fonte milagrosa que se situa ao lado da quinta. Hoje num terreno vazio, a comovente fontezinha, modestamente coberta por uma abóbada rústica em tijolo tradicional, dá todavia ainda testemunho de uma esperança...

Em 1811, o proprietário da quinta é Francisco José Maria de Brito. Alguns anos mais tarde, esta é adquirida por um antepassado da família Cannas da Silva, cujos descendentes são ainda os seus actuais donos.

(3) Esta casa do Outeiro foi objecto de uma campanha de restauração nos anos de 1950. A Quinta da Fonte do Anjo possui uma elegante casa pombalina, ornada de pinturas, que se podiam atribuir a Pillement, e de belíssimos estuques.

MUITO bem situada sobre uma colina, na antiga aldeia da Damaia, a Quinta Grande dominava outrora os campos e os prados agora invadidos pelas novas construções. Esta casa de campo tão típica da região lisboeta, com o seu reboco cor-de-rosa e as suas pilastras de pedra, é sobretudo notável pela beleza dos seus múltiplos telhados de curvatura tão portuguesa, oito deles, laterais, enquadrando a cumeeira central. A construção data provavelmente do primeiro terço do século XVIII, tendo na fachada norte um corpo central avançado sido restaurado no século XIX.

De planta sensivelmente quadrangular, esta casa é composta por grandes divisões muito tradicionais, todas elas com tectos em masseira. Os únicos painéis de azulejos existentes são uns vasos floridos que datam de 1730, colocados no átrio que antecede o «hall» de entrada, mas, segundo parece, não estariam no seu local de origem.

É por isso que nos surpreendemos ao sair para o terço que constitui a fachada sul, flanqueada por dois corpos avançados. Ali o reboco já quase desapareceu,